

Miscelânea Arqueológica

I

1. Achados arqueológicos na Damala (arredores de Lisboa)

«Devem estar lembrados os leitores do *Diário de Notícias* de que, pelos fins de Setembro, aqui noticiámos o aparecimento na Damaia de alguns objectos prehistóricos, tais como machados de pedra polida, facas de sílex, etc., chamando a atenção dos estudiosos para o acontecimento.

Acaba de visitar o local um sócio da Associação dos Arqueólogos do Carmo, que dá as seguintes informações:

Efectivamente, num sítio daquela localidade, ao qual chamam Nodel, e dentro da Vila Machado, pertencente ao sr. João Pereira Machado, um dos membros mais cotados da colónia luso-brasileira, residente em Lisboa, ao ser surribada uma terra exposta ao quadrante do sul, e principalmente quando a excavação teve de ser levada mais funda, para se abrir um cabouco, começaram a aparecer alguns objectos, que despertaram a atenção do pessoal ocupado neste serviço. Primeiro foi o que se chama vulgarmente «pedra de raio»; depois foram lascas de sílex, cacos grosseiros, ossos, etc.

O proprietário da «vila», para quem a importância destes achados não é segredo, mercê da sua muita ilustração, fez recolher convenientemente os diversos objectos, que a terra ocultava, e mandou suspender ali os trabalhos.

Graças a estes cuidados, as antigualhas puderam ser examinadas e vão fazer parte das colecções do Museu da Associação, ao Carmo, porque o sr. João Pereira Machado, que espontaneamente lhas ofereceu, pertence ao número dos que entendem que é nos museus que elas se valorizam e são verdadeiramente úteis à ciência. Este generoso critério é digno do maior aplauso.

Não foi possível averiguar bem a origem daquele depósito arqueológico, situado à profundidade de 5 metros, aproximadamente, da superfície do solo. Mas o aparecimento de alguns grandes calhaus de basalto em posição aprumada, ao nível mesmo dos achados, sugere a idea dum depósito funerário da época neolítica. Não é, porém, absurdo supor que se trate também de restos revolidos dum lugar ou fundo de habitação.

Entre as peças arqueológicas, avultam dois óptimos machados de pedra polida (as tais «pedras de raio»), um deles do tipo das enxós, além dum exemplar menos bem conservado e fragmentos

de outros. Também se encontraram esferóides de pedra, primitivamente calhaus rolados, mais ou menos contundidos, em partes, como consequência do seu uso como percutores das oficinas líticas. De sílex ou pedrençeira, entre muitas lascas provenientes do desbaste dos núcleos daquela rocha, recolheram-se faquinhas fragmentadas, raspadores, etc.

No capítulo da cerâmica, apenas foi visto, de mais notável, um caco com ornamentação constante dum estreito filete em relevo, obliquamente tracejado; o resto é constituído por numerosos fragmentos lisos de pasta grosseira, sendo ainda dignos de menção dois bordos de vasos, curiosamente munidos de mamilos de preensão. Deve também mencionar-se um pequeno e delgado fragmento de pingente de grés, com orifício característico. Dentes de ruminantes, defesas de javali, e ossos, ao parecer humanos, igualmente foram exumados, mas estes últimos restos em estado de grande decomposição.

Tudo leva a crer que houve, em data muito recuada, profundo remeximento dos depósitos. Um pouco mais à superfície do solo, de mistura com a terra, colheram-se fragmentos cerâmicos mais recentes, que os preistóricos e dois pedaços de vidro, que, pelo seu estado de alteração, parecem datar da época romana. Mais difícil de classificar é uma pequena peça de bronze, com rudimento de aselha.

É provável que, se os trabalhos de cava proseguirem, mais alguns vestígios de civilizações passadas venham a surgir do sub-solo.

Em vários sítios da área da Damaia (ou talvez melhor de «A da Maia»), foram já assinalados bastantes vestígios da indústria paleolítica e por isso tem importância descobrirem-se agora restos da época neolítica subsequente.

O sr. João Pereira Machado prestou, pois, às sciências arqueológicas duplo serviço: 1.º evitando, pela sua ilustração e zelo, o desaparecimento de objectos preistóricos, casualmente encontrados; 2.º oferecendo a um museu esses mesmos objectos, o que constitui a melhor forma de os facultar aos estudiosos».

(Do *Diário de Notícias*, de 14 de Outubro de 1915).

2. Museu de Bragança

«Por decreto, ontem publicado na folha oficial, é criado na cidade de Bragança um museu Regional de Obras de Arte, peças arqueológicas e numismática.

Este museu é composto por grande número de objectos de prata, cadeiras de coiro, cadeiras de estôfo de alto espaldar de estilos dife-

rentes, bufetes, quadros (retratos de bispos), paramentos, imagens em madeira, camas antigas e outros objectos, que se acham no edificio do paço episcopal da mesma cidade e de objectos arqueológicos e numismática, que compõe o museu da câmara municipal, também da mesma cidade, que o oferece ao museu agora criado.

O pessoal do museu é constituído por:

1 director-conservador, com 'a gratificação de 160\$

1 guarda, com 150\$

É fixada em 90\$ a verba para material e despesas de instalação do mesmo museu.

É nomeado para o cargo de director-conservador, Álvaro Carneiro, proposto pelo presidente do conselho de arte e arqueologia da 3.^a circunscrição.

(Do *Diário de Notícias*, de 5 de Dezembro de 1915).

*

O antigo Museu municipal de Bragança, a que se alude na notícia transcrita acima, e de que o Museu actualmente criado serve de desenvolvimento, por isso que é regional, e abrigará também obras propriamente artísticas, data já de 1896: vid. *O Arch. Port.*, III, 48 sgs., IV, 153 e 253, etc. Para a sua existência muito havia corrido o illustre Official do Exército, Sr. Albino Pereira Lopo, como consta dos citados volumes d-*O Archeólogo*, e de numerosos artigos aqui publicados por elle.

3. P.^o Francisco de Matos Galamba

«Alcácer do Sal, 12. — Com 71 anos de idade faleceu, nesta vila, quasi repentinamente, no dia 11 do corrente, pelas duas horas, o Rev.^{do} P.^o Francisco de Matos Galamba, natural de Aldeia Nova de S. Bento, concelho de Serpa.

Há perto de 40 anos que se encontrava neste concelho, tendo paroquiado antes as freguesias do Torrão e S. Romão, vindo depois a ocupar o lugar de escrivão e capelão da Santa Casa da Misericórdia desta vila.

Durante este longo tempo deu sobejas provas da sua vasta e profunda intelligência, não só na sua missão de padre, mas também no desempenho do lugar de professor official, devendo-se à sua iniciativa a adopção, na escola daqui, do método João de Deus. Escreveu na imprensa, e occupou o lugar de presidente da câmara municipal, de

que foi o último na monarquia, e um dos que mais concorreram para a criação do museu municipal, que aqui existe.

Era um apaixonado da música, e era devido à sua protecção que há muitos anos se sustentava a Sociedade Filarmónica «Progresso Alcacerense», que ultimamente, em homenagem de gratidão ao seu protector, resolveu tomar o nome de Sociedade Filarmónica de «Matos Galamba».

Dotado de espírito liberal, soube conquistar as simpatias de todos, contando em cada habitante um verdadeiro amigo.

O seu funeral realizou-se ontem, pelas 17 horas, incorporando-se no cortejo a câmara municipal, autoridades administrativas e judiciais, representantes da filarmónica «Amizado Visconde de Alcácer» e as principais pessoas desta vila, fechando o cortejo a filarmónica «Matos Galamba».

O caixão ia coberto com a bandeira da Sociedade «Matos Galamba».

A chave do caixão foi entregue ao cidadão Joaquim Correia Baptista, digníssimo secretário da câmara municipal, por ser um dos seus maiores amigos».

(Do *Diário de Notícias*, de 16 de Fevereiro de 1913).

*

Galamba escreveu no *O Archeologo Português* um artigo arqueológico numismático: vid. vol. III, 266 sgs.; e a ele há referências no mesmo periódico, I, 80, IV, 111, e XIX, 301, a propósito do Museu de Alcácer, de que se fala na notícia transcrita acima.

4. Monumentos nacionais

«O *Diário do Governo* de amanhã publica uma portaria, mandando que os três conselhos de arte e arqueologia, por intermédio das suas comissões de monumentos, procedam à revisão do inventário dos monumentos nacionais das respectivas circunscrições, devendo enviar ao ministério da instrução os resultados dos seus estudos.

Mostra também a conveniência de cada monumento se tornar objecto de investigações de carácter histórico, arqueológico ou artístico, segundo a sua índole, e de descrições tão minuciosas quanto possível, acompanhadas dos gráficos e fotografias que se considerem convenientes».

(Do *Diário de Notícias*, de 7 de Dezembro de 1913).

5. Associação dos Arqueólogos Portugueses

«Reuniu-se, ante-ontem, a secção de Arqueologia-Lisbonense desta associação, sob a presidência do sr. José Queiroz.

Foi aprovada, em princípio, a proposta do sr. D. José Pessanha sobre a inadiável inventariação dos monumentos e sub-monumentos artísticos e arqueológicos da capital. Resolveu-se para a execução de tal trabalho dividir a cidade em tantas áreas quantos os sócios, encarregando-se cada um de formular uma lista de todos os edificios, monumentos, minúcias architectónicas, lápides, registos de azulejos, inscrições, etc., que se incluírem na área que lhe couber.

Seguidamente esboçou-se a idea de se propor a aposição de placas artísticas nos monumentos da cidade, não só com o fim de os assinalar como de os defender de constantes vandalismos, como colocação de cartazes, anúncios, etc.

Passou-se depois à elaboração definitiva do programa da exposição olisiponense que deve realizar-se em Novembro futuro, o qual ficou assim constituído:

Exposição olisiponense comemorativa do 50.^o aniversário da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

1.^o grupo

Cerâmica

Produtos das antigas olarias de Lisboa e seu termo.

2.^o grupo

Plantas, perspectivas e vistas panorâmicas da cidade.

3.^o grupo

Bibliografia lisbonense:

- a) monografias e panegíricos;
- b) roteiros;
- c) folhinhas e calendários;
- d) mapas e folhetos divisionários das paróquias;
- e) crónicas e memórias acêrca de edificios civis e religiosos da cidade.

4.^o grupo

Vária

Documentos diversos que importem à etnografia e a etnologia de Lisboa».

(Do *Diário de Notícias*, de 20 de Abril de 1913).

6. Museu «de Machado de Castro»

«Outubro, 11.—No antigo paço episcopal foi inaugurado hoje o Museu de Arte «de Machado de Castro», organizado e instalado sob a sábia direcção do grande mestre Sr. António Augusto Gonçalves.

O edificio é amplo e já de si digno de aprêço pela sua antiguidade e situação, pois domina um famoso panorama sobre a cidade e rio Mondego.

A entrada hoje foi por convites, encontrando-se ali, entre outras pessoas, os Srs. governador civil, presidente da camara e alguns vereadores, professores da Universidade, do liceu e outros institutos, representantes da imprensa, etc.

O museu é riquíssimo na sua especialidade, principalmente nas secções de cerâmica e Renascença do séc. XVI.

Idade medieval. No res-do-chão, do lado sul, encontram-se túmulos, fragmentos architectónicos e magníficos exemplares de estatuária de pedra. Ha ali abundância de capitóis românicos, colunas, braços, inscrições, campas, imagens, baixos e altos relevos, o vulto imponente dum cavaleiro equipado para combate, o empunha a clava com o seu escudo sobre o ginete, etc.

Existe ali uma pequena pedra com legenda funerária referente a Severiano, que morreu aos 4 anos de idade em 541. É a mais antiga inscrição que ali há e foi descoberta próximo da igreja de Condeixa-a-Velha.

A sala de Renascença é, como dizemos acima, a mais rica, pois ali apparecem objectos com todo o brilho artístico.

Grandes figuras de barro cozido que representa a «Ceia pascal»; lápide comemorativa da reconstrução da ponte de Coimbra por Manuel; um belo Christo que se supõe ser do séc. XV; pequenos tapêtes persicos do séc. XVI que ornamentam as paredes; busto de mármore branco de Bento XIV; outros tapêtes persicos de maiores dimensões; tapêtes designados de Arraiolos; esculturas de madeira; grande variedade de retábulos de madeira e pedra; umas magníficas figuras de presépio; um vaso de barro vermelho, que o Sr. Joaquim de Vasconcellos diz ser a peça cerâmica datada mais antiga da península, pois data de 1538; pratos de latão, indústria flamenga; placas de devoção, de bronze doirado, caixas de rapé, móveis antigos, etc.

Objectos curiosos de barro esmaltado, azulejos e faianças; azulejos mudegares do princípio do séc. XVI, talvez oriundos das fábricas de Sevilha; alguns padrões arábicos, outros de Renascença e góticos; produtos cerâmicos da fábrica de Costa Briosó, antecessor de

Vandeli; peças de porcelana oriental, objectos de vidro; mobiliário civil e curiosidades, utensílios domésticos e instrumentos musicais; vários crucifixos, pequenos cofres, entre elles, um muito curioso do séc. xv.

Obras de talha, mobília e estatuária religiosa, alfaia, lâmpadas, quadros de pintura, livros de côro monumentais, de folhas de pergaminho, leques, excelentes encadernações, capelas, etc.

Uma colecção de retratos e baús tauxiados existem na sala XI.

Na sala V (res-do-chão) encontram-se cinco grandes estátuas de calcáreo, representativas da Justiça, do Direito Canónico, da Teologia, do Direito Romano, da Medicina e da Matemática.

Colecção de pesos e medidas dos reinados de D. Manuel e D. Sebastião, espelhos metálicos, fechaduras e ferreiros antigas.

Há ainda para ver alguns côches de gala que serviram aos bispos desta diocese.

Como se vê, o museu é precioso e digno de ser visitado.

(Do *Diário de Notícias*, de 18 de Outubro de 1915).

7. Museu Instrumental em Lisboa

«Acêrea desta benemérita iniciativa do Sr. Michel'Angelo Lambertini, à qual mais de uma vez nos temos referido, com o devido encarecimento e a propósito do «catálogo sumário» do primeiro núcleo do mesmo museu, reproduzimos com muito prazer, da «Arte musical», de 15 de Março corrente, o seguinte artigo:

Com o título do «Primeiro núcleo de um Museu Instrumental em Lisboa» acaba de ser publicado um catálogo, coordenado pelo director desta revista e no qual se descrevem os objectos por elle reúnidos até hoje, com vista á criação de um museu público inteiramente consagrado às cousas musicais e especialmente à história dos instrumentos de música.

O volume comporta, nas suas 147 páginas, a descrição, acompanhada de abundantes notas históricas e ornada de gravuras elucidativas, das peças organográficas, livros, estampas, etc., com que se pode desde já contar para a criação de um pequeno, mas interessante Museu, cujo primeiro fundo seria facilmente melhorado e completado com várias peças pertencentes ao Estado, que andam dispersas em locais impróprios, com a aquisição do Museu «de Keil», em que, há tempo, se pensa, e finalmente com dádivas e depósitos de particulares, que tem sido prometidos ao organizador.

Reúnidos todos esses elementos, é certo que o museu de Lisboa conseguiria ter, com dispêndio insignificante, o que só ao cabo de

muitos anos e com sacrificio de importantes somas, se pôde reunir nos grandes museus de Bruxelas, Paris, Londres, Colónia, etc.

Como se pode apreciar pelo catálogo, já estão em poder do iniciador desta artística fundação os seguintes objectos:

174 Instrumentos músicos, antigos e modernos.

547 Acessórios de instrumentos.

650 Obras literárias e musicais.

109 Peças iconográficas.

O que constitui uma contribuição valiosíssima para o empreendimento, dado que, tanto em instrumentos músicos como em livros e estampas, figuram algumas verdadeiras preciosidades de arte, de summa raridade e valor.

Este importante volume, a que a «Editora» deu aspecto extremamente artístico, vai ser oferecido a todos os que concorrerem com ofertas e depósitos para este primeiro núcleo do Museu, e em geral a todos os que se interessam pela realização prática desta iniciativa».

(Do *Diário de Noticias*, de 18 de Março de 1915).

8. Monumentos nacionais

«Sobre este importante assunto, pelo Ministério do Interior foi expedida a seguinte circular aos governadores civis:

«Tendo a Comissão dos Monumentos Nacionais feito chegar ao conhecimento d'este Ministério a frequente execução de obras em monumentos considerados nacionais sem seu prévio conhecimento, em detrimento da lei e da boa razão: por esta direcção geral se chama a atenção de V. Ex.^a para o assunto, a fim de providenciar que para a execução de quaisquer obras nos aludidos monumentos, erectos nos domínios do distrito a seu cargo, os respectivos projectos sejam préviamente enviados à Comissão dos Monumentos Nacionais da 1.^a Circunscricção, a cuja aprovação tem de ser submetidos.

Pelo rigoroso cumprimento destas instruções V. Ex.^a tornará responsáveis as autoridades suas subordinadas, às quais e a V. Ex.^a fica competindo a fiscalização d'este serviço, nenhuma obra nos aludidos monumentos permitindo sem a apresentação, por parte de quem a promover, do respectivo projecto devidamente aprovado por aquella comissão».

(Do *Diário de Noticias*, de 12 de Abril de 1914).

9. Museu de Marinha

«O museu de marinha, instalado na Escola Naval, e que entre as suas valiosas collecções possui modelos das naus portuguesas que

navegaram na esquadra do almirante inglês Nelson, acaba de ser enriquecido com algumas figuras proas de navios antigos, que se encontravam guardadas nos depósitos do arsenal na Azinheira há muitos anos.

Se não são artísticos modelos, são exemplares de obra de talha das oficinas nacionais e quasi todos recordam factos históricos dos serviços da nossa armada.

Consta a coleção dos seguintes bustos, de madeira, a maioria dos quais, porém, necessita de reparações:

Vasco da Gama, Bartolomeu Dias, Estefânia, Mindelo, S. Bento, Santo António, Estevão de Ataíde, Infante D. João, Martinho de Melo, Albuquerque, Ninfa, Venus, D. Henrique, e outros, sendo os mais antigos dos fins do séc. XVI.

A direcção da Escola Naval pertence a iniciativa dêste bom serviço. Êste procedimento de guardar memórias do passado para na educação dos novos se manterem tradições da arma a que pertencem é largamente adoptado, e com vantagens, nas escolas navais da Holanda, França e Inglaterra.

História marítima gloriosa não nos falta, oxalá que tivéssemos de novo boa armada e bons navios, para a guerra, e para comércio, e outra vez em próspero estado a marinha nacional!.

(Do *Diário de Notícias*, de 18 de Março de 1915).

10. Monumentos nacionais

«A repartição de instrução artistica vai expedir uma circular aos conselhos de arte e arqueologia das 3 circunscrições, sôbre a conveniência de serem nomeados vogais auxiliares daqueles conselhos os individuos de reconhecido mérito, comprovada solicitude na conservação e valorização dos monumentos nacionais. O sr. Ministro de Instrução espera que, com a realização desta medida, os monumentos do nosso país, que nem sempre tem sido respeitados, se possa pôr um dique aos vandalismos que os tem atingido. Pela organização dos serviços artísticos e arqueológicos da República, muito próxima das leis francesa e italiana, os nossos monumentos encontram-se hoje muito mais bem cuidados e defendidos do que noutros tempos, e a vigilância, por parte das autoridades competentes, no que se refere a exportação de obras de arte e arqueologia, já tem dado excellentes resultados».

(Do *Diário de Notícias*, de 16 de Setembro de 1914).

11. Joaquim Conceição Gomes

«Mafra, 13.—Vítima duma lesão cardíaca, faleceu o sr. Joaquim Conceição Gomes, antigo empregado nesta vila, onde, por muitos anos, exerceu com superior inteligência e dedicado zêlo o cargo de conservador da Real Basilica. Era um fanático com tudo quanto dizia respeito ao grandioso monumento, que êle, nos seus escritos, elevava sempre até onde podia ir a sua admiração».

O falecido Conceição Gomes era muito erudito. Deve-se a êle a publicação dum excellentê livrinho, que está na quinta edição, intitulado *Descrição minuciosa do monumento de Mafra*. Era sócio da Associação dos architectos e archeólogos civis portuguezes e do Instituto de Coimbra.

Exerceu diferentes cargos civis e últimamente o de substituto do juiz de direito».

(D-O Século, de 14 de Junho de 1900).

12. Museus

«Vem no *Diário do Govêrno* de hoje o decreto que autoriza o Govêrno a admitir nos museus nacionais e regionais, sem encargo especial para o Estado e na qualidade de pessoal agregado (conservadores, restauradores ou preparadores), as pessoas que tal requeiram, sob informação e proposta favoráveis dos directores dos estabelecimentos».

(Do *Diário de Noticias*, de 30 de Dezembro de 1914).

13. Museu em Évora

«O *Diário* de hoje publica o decreto que cria na cidade de Évora um Museu regional de obras de arte e peças archeológicas. Anexo ao mesmo Museu é organizada na Sé de Évora uma secção de arte sacra, constituida pelo tesouro dessa igreja com todos as obras de ourivezaria, paramentos e indumentária de que se compõe actualmente.

O mesmo decreto nomeia director interino do museu o Sr. António Joaquim Lopes da Silva; conservador da secção sacra, o Sr. Joaquim José Freire de Faria e Silva; e guarda, o Sr. Luís Maria da Silva Ferreira».

(*Diário de Noticias*, de 24 de Fevereiro de 1915).

14. O Museu de Castelo Branco

«Mais duma vez o *Diário de Noticias* se tem referido a este museu e à conveniência de, sem demora, serem ali instalados os objectos existentes no Paço Episcopal e que lhe são destinados, porque da demora só podem resultar inconvenientes.

De novo insistimos no assunto, reproduzindo os seguintes documentos que lhes dizem respeito :

Telegrama do Sr. Ministro da Justiça ao sr. governador civil daquelle distrito, em 11 do corrente mês :

«Se v. ex.^a certifica achar-se feita instalação do museu, cessou motivo remoção de objectos para o museu de Machado de Castro. — (a) *Fernando de Almeida*, secretário».

Telegrama do sr. governador civil d'este distrito ao sr. ministro da justiça, em 12 do corrente :

«Certifico v. ex.^a que o museu está instalado e será aberto ao público logo que sejam lá instalados objectos de arte antiga do Paço Episcopal. Também garanto a v. ex.^a que o museu desta cidade é digno de nota, principalmente pela sua importante coleção arqueológica. Objectos referidos serão transferidos para lá um dos primeiros dias logo que feitos indispensáveis reparos de instalação. — (a) *Francisco de Almeida*».

Eis a relação dos objectos de que tratam os dois telegramas acima :

4 pinturas em tábua, que representam S. Pedro, Santo António, a deposição do túmulo, e a Anunciação; 1 pequena coroa de prata dourada; 3 sacras de altar, de pau preto com applicações de metal; 3 castiçais de casquinha, pequenos; 4 livros litúrgicos com capas de arabescos a ferro; 2 cómodas incompletas; 8 cadeiras de tipos diferentes; 4 pedaços de tapeçarias antigas e alguns fragmentos avulso de cercaduras.

Devemos acrescentar que as reparações mencionadas no último período do telegrama do sr. governador civil, já foram feitas pela câmara municipal, e estão concluídas desde há muitos meses».

(Do *Diário de Noticias*, de 13 de Novembro de 1911).

O Museu Municipal de Castelo Branco, fundado pelo nosso illustre colaborador F. Távares Proença Júnior, que tem estudado desveladamente a arqueologia do distrito, e ali depositou importantíssimos objectos, é um dos mais notáveis do nosso país, no que toca

a epigrafia romana, e a aderêços pre-romanos de prata (braceletes, fibulas),— tudo coligido pelo Sr. Távares Proença. O *Archeologo* já se tem referido por vezes a este Museu.

15. Castelo da Serra de Arga (Minho)

«No mais alto de seu cume nos afirmaram pastores que havia vestígios de *Castelo antigo* para a parte de Ponte de Lima, porque só por este lado é que a Serra pode ser circunvalada, por ser terra chã, como sabem os que a tem visto, e examinado toda, como nós».

(P.^o Francisco do Nascimento Silveira, *Mapa breve da Lusitânia antiga*, t. I (e único), Lisboa 1804, p. 11).

16. Museu arqueológico do Infante D. Henrique, em Faro

«Recomendar a visita deste precioso museu aos viajantes que, cada vez mais numerosos, visitam o belo Algarve, mormente na ocasião actual, em que o preço da viagem em combóio é reduzido, o mesmo é que prestar-lhes um sincero serviço. O museu encerra numa disposição tam perfeita, que dispensa incómodos e dispendiosos cicerones, abundantes monumentos das civilizações luso-romana, luso-árabe e judaica, e das idades prehistóricas.

Fundado em Março de 1894 pela ilustrada câmara de Faro, que o estabeleceu em três excelentes salas dos paços do concelho, em tam curto prazo este instituto chegou a um grau de riqueza, na quantidade e valor histórico dos seus monumentos, que nenhum dos seus congêneres do país tem alcançado em dezenas de anos.

Este resultado sem precedentes deve-se à devotada dedicação e espírito fino e eminentemente organizador do sábio fundador do museu, Sr. conselheiro monsenhor Pereira Bôto, ex-vice-reitor do seminário de Faro, e actual cônego da Sé de Lisboa.

Inaugurado o museu no dito mês e ano, apenas com alguns monumentos, para solenizar perpétua e útilmente o patriótico centenário henriquino, de tal modo conseguiu S. Ex.^a interessar e cativar o espírito culto do Algarve por aquela fundação tam honrosa para esta província, que de toda a parte começaram a afluir ali monumentos oferecidos uns, outros depositados.

Assim correspondeu e continua correspondendo o Sr. conselheiro Bôto às ilustradas vistas da camara que o nomeou conservador do museu, não só em atenção à devotada iniciativa de S. Ex.^a, mas também em respeito à sua vastíssima erudição e competência, já re-

conhecidas e laureadas pela inclusão do seu nome como membro das primeiras associações scientificas do pais e algumas estrangeiras.

Basta dizer-se que o Sr. Bôto tem interpretado com rara sagacidade inscrições hebraicas e árabes, porque nas respectivas linguas e em muitas outras é versado.

Prova brilhantissima e inconcussa do cultissimo talento do Sr. Bôto e do museu, que lhe deve o ser, é o *Glossário critico das principais monumentos do museu archeológico Infante D. Henrique*, que acaba de sair à luz pela pena diamantina de S. Ex.^a

Nesta obra, que é também um monumento de sciência e de litteratura, porque é escrita em elegante e puro portuguez, vêem-se os documentos da fundação do museu e o plano admiravelmente concebido de sua sólida organização.

Precedendo a enumeração, criticamente apresentada dos monumentos, com clareza tal que atrai ao interesse por elles os espiritos ainda mesmo medianamente cultos, há um capítulo preliminar intitulado *O que podem valer os fragmentos em assuntos de archeologia* que, só por si, faz a reputação altamente scientifica do autor, e patenteia o entranhado amor que elle consagra aos nobres estudos archeológicos e ao museu que de tão pura dedicação nasceu.

Este amor foi communicativo a todo o Algarve, que preza realmente o seu belo e rico museu archeológico, o qual, não obstante ter a sua sede naquella provincia, é um monumento nacional e até europeu, porque se acha já profunda e fraternalmente relacionado com instituições congêneres nacionais e estrangeiras.

Tais são as boas razões por que dissemos que, recomendando aos visitantes do Algarve o museu Infante D. Henrique, cremos prestar bom serviço ao público.

(*O Século*, de 15 de Junho de 1900).

*

Este Museu foi desmantelado algum tempo depois do falecimento do cônego Bôto (vid. *Diário de Noticias* de 4, 11 e 13 de Janeiro de 1914, e *O Heraldo* (Faro) de 22 de Novembro de 1915); mas últimamente consta-me que está sendo reorganizado, o que é de toda a conveniência.

17. Antiguidades de Penalva do Castelo

«Penalva do Castelo, 29.— Como complemento à noticia que publicámos com a epigrafe «Sepulturas preistóricas?» temos de acres-

centar que o sr. António Domingos dos Santos, preparador e conservador do Museu Antropológico da Universidade de Coimbra, auxiliado pelo sr. Carlos Marinho da Cruz, administrador d'este concelho, e João Patrício de Albuquerque e Castro, examinou todos os objectos de que tratava aquella notícia. As sepulturas encontradas no sítio de S. Martinho, onde nada appareceu de valor, são de dois tipos, umas com ombros, outras sem elles; umas abertas em chistó, outras em granito. De cada tipo foi uma para o Museu, sendo cortadas a pico nas rochas, o que deu muito trabalho e despesa. Na arca (dolmen) do Penedo do Com, appareceram doze pontas de seta, sendo dez de sílex e duas de cristal de rocha, muito bem feitas e de diferentes côres, sendo algumas transparentes; um machado de pedra polida; ossos, carvão e fragmentos de vasos de barro, e entre estes alguns lavrados. No Castro da Serra dos Mouros ou da Paramena, encontraram-se fragmentos de vasos de barro muito antigos. O sr. João Patrício de Albuquerque e Castro ofereceu ao Museu um «pondus», pêso, feito de pedras de diversas côres, muito curioso; dois machados de pedra polida da época neolítica, um osso petrificado, uma mó romana e parte doutra, diferentes fragmentos de «tégulas», telha romana, e parte dum «pondus» de barro. Todos estes objectos foram encontrados dentro do adro da freguesia de Esmolfe».

(Do *Século*, de 1 de Junho de 1911).

18. Tesouro de moedas romanas

«O Academico Fr. Affonso da Madre de Deus Guerreiro communicou huma medalha do emperador Theodosio; das que se acháão na Herdade da Ribeira, freguesia de S. Romão, termo da villa de Montemór o Novo».

(Das Actas da Academia da História Portuguesa, Sessão de 3 de Agosto de 1725).

19. Uma collecção notável

«Em um dos últimos dias, o illustre pintor sr. Vitorino Ribeiro convidou-nos gentilmente a visitar em sua casa o museu por elle organizado, com grande número de exemplares e documentos, relativos às campanhas da Guerra Peninsular. Mal imaginávamos nós as agradáveis e intensas impressões que a importante collecção ia sugerir no nosso espirito.

O distinctíssimo artista, há cerca de quarenta anos, que se lançou febrilmente ao trabalho fatigante e dispendiosíssimo de reunir os ra-

ros exemplares dessa colecção, que é das mais originais e ricas que conhecemos. O que especialmente diz respeito à Guerra Peninsular, surpreende e deixa deveras maravilhado o espectador.

Começamos o nosso exame pelos desenhos, que são numerosos, e alguns deles de factura cuidada e grande delicadeza de traços. Recordam episódios de batalhas, aspectos de acampamentos, vistas de povoações arrasadas pelos incêndios, grupos de soldados, fardados à moda da época, e há também uma série de retratos das individualidades que mais se salientaram pelos seus feitos de armas. Tivemos ocasião de ver, entre outros, o retrato de Manuel Mousinho, a lápis, adornado com as fivelas da Ordem Inglesa, correspondentes às batalhas de Ciudad Rodrigo e Fontes de Onoro, que elle pelejou bravamente. Vários outros desenhos representam as milicias da Maia, baillios, um projecto para as insígnias da Torre e Espada, e os Voluntários Reais do Comércio, vulgarmente conhecidos no tempo pela designação de «Papagaios», por predominarem nos seus fardamentos as côres verde e amarela. Há ainda muitos outros desenhos, sendo alguns deles assinados por João Baptista Ribeiro, merecendo especial referência os que representam a vila de Amarante depois do incêndio, o castelo da Foz, a Serra do Pilar e o Seminário em construção.

As gravuras são também numerosas e de alto valor. As que mais nos impressionaram, pela sua originalidade e perfeição, foram as que representam a campanha do Vimeiro, a tomada de Badajoz, uma que simboliza o Douro chorando e a cidade do Porto acorrentada à sua desventura, após a catástrofe da Ponte das Barcas; os retratos de Beresford, do Duque da Dalmácia graciosa figura colorida, tendo dentro do capacete a imagem do Senhor de Matozinhos e em uma das mãos uma almotolia.

Há ainda uma gravura, que representa D. João VI, e muitas outras a que nos é absolutamente impossível fazer especial referência. Vimos entre elas uma água-forte de Bartolozzi, que figura a apoteose do duque de Wellington.

A colecção do pintor sr. Vitorino Ribeiro tem centenaes de gravuras desta natureza, e, não poucas, de altíssimo valor, pela sua raridade e feição artística.

Há também uma variedade infinita de caricaturas e desenhos simbólicos. Pela sala, graciosamente dispostas, viam-se fardas bordadas a ouro, de officiais de diversas patentes, espadas de formatos os mais variados, indicam proveniência inglesa, franceza ou portuguesa; espingardas, balas, condecorações, capacetes dragonas, cinturões, um candieiro de campanha, de ferro forjado, talins, escorvadores, saca-

trapos, esporas, chapas de talabardos, bandas com borlas de prata, em forma de cabaça, patronas, pistolas francesas, etc.

O Sr. Vitorino Ribeiro não se esqueceu de recolher alguns recibos de contribuições como para mostrar que já nesse tempo o povo era cruelmente esmagado pelo peso dos impostos. É também muito curiosa a sua colecção de leis militares, proclamações, ordens de serviço, planos de campanha e ainda a bibliografia da guerra.

Dispúnhamo-nos a sair, surpreendidos com o que acabavamos de ver, quando algumas peças de cerâmica nos atraíram a atenção. Elogiámos os exemplares mais belos, e o Sr. Vitorino Ribeiro, percebendo a nossa curiosidade, abriu-nos um rico armário de pau preto com tremidos, dentro do qual se acumulava uma infinidade de jarras, de gomis, de pratos, de canecas, de formas e de coloridos variadíssimos. Era toda a olaria do norte, largamente representada, em peças das fábricas do Porto, vendo-se faianças do Cavaquinho, do Carvalhinho, da Fábrica Rial, de Santo António do Vale da Piedade, da Fervença, do Candal, de Miragaia, havendo ainda um ou outro exemplar de faiança inglesa, de Herculano, de Sévres, etc.

As salas encontram-se adornadas sóbriamente, com mobiliário antigo e quadros do ilustre artista, vendo-se uma linda arca de pau preto, de tremidos, com ferragens da Suécia, um tremó do Império, com aplicações metálicas formosíssimas, credências douradas, e outras peças de que não pudémos tomar nota.

O pintor chamou ainda a nossa atenção para uma estante, onde se encontrava uma valiosa colecção de encadernações de 1600 a 1854; protegiam, algumas delas manuscritos de grande valor. Admirámos também diversas esculturas de Manuel Pereira e Machado de Castro, sendo digno de ver-se um Cristo, de *kaolino*.

Não tivemos tempo de observar demoradamente a colecção relativa a 1820, bem como os manuscritos, registos e gravuras de lendas portuguesas.

Sabemos que o Sr. Vitorino Ribeiro tem sido visitado muitas vezes por estrangeiros que insistentemente lhe pedem para vender algumas peças da sua colecção magnífica, o que elle tem recusado.

A câmara do Porto prestava um bom serviço ao público ilustrado e estudioso, adquirindo para o museu municipal o que está certamente em riscos de ir parar um dia lá fora.

Ao apertar a mão do paciente coleccionador de tantas cousas belas, ouvimos que elle murmurava esta frase desalentadora: «O que ainda na vida tem algum interesse e algum valor é a arte e a amizade». Mas o artista não tinha razão absolutamente. Só a Arte con-

segue vencer as inconstâncias do tempo, e a amizade é, infelizmente, no coração do homem, como o bruxear efémero de uma luz que se apaga».

(Do *Primeiro de Janeiro* de 25 de Setembro de 1909).

20. Antiguidades dos arredores da Nazaré

a) De S. Gião.

Junto da ermida de S. Gião, havia ruínas de edificios antigos no séc. XVII: «algũs pessoas me quizerão afirmar que neste sitio houve hũa povoação grande, persuadindo-se a isso de algũs letras, que viraõ, e acháraõ em pedras grandes, que pareciaõ ser do tempo dos Romanos».

(Brito Alão, *Antiguidades da Nazareth*, Lisboa 1684, p. 184-185).

b) Da Senhora da Piedade

«...Por detraz daquella ermida, que apparece, que he da invocação de Nossa Senhora da Piedade, vi debaixo da terra feitas casas com repartimentos, e portaes, que deviaõ ser desses tempos» [do tempo dos Mouros, isto é, de tempos remotos].

(Id., *ibid.*, p. 186-187).

21. Sarcófago do século XVIII

«Para ampliação das prisões do Aljube [na cidade do Pôrto] e instalação das repartições da policia judiciária, vai ser adaptada a parte nascente de parte de convento de Santa Clara, junto à vetusta igreja, que é um monumento nacional.

As obras começaram, e hoje, no vão de uma escada, nos claustros foi encontrado um sarcófago de granito, tendo na tampa esta inscrição: «Para aqui se trasladarão os ossos da V. M. Lviza de S. Jacinto em 3 de agosto de 1759».

Na presença do respectivo capelão e dos Srs. Dr. Rómulo de Oliveira e Luís Neves, inspector e sub-inspector de policia, foi aberto o sarcófago, verificando-se que tinha um ataúde de madeira, não havendo já vestígios da ossada, apenas cinzas.

Foi tudo removido para a sacristia da igreja.

Dizem que ainda há ali uma outra sepultura, que vai ser removida».

(Do *Diário de Noticias*, de 29 de Abril de 1914; correspondência do Pôrto, de 28).

22. Museu regional de Viseu

«Por decreto de 16 de Março de 1916 foi criado em Viseu um museu regional, denominado «de Grão Vasco», e destinado a conter obras de arte e peças arqueológicas. De núcleo servem-lhe os quadros da Sé de Viseu e o tesouro do cabido da mesma Sé.

(*Diário do Governo*, de 16 de Março de 1916).

23. Sepultura de teijolo, romana, aparecida em Braga

«Braga, 15.—Em S. Pedro de Messines, num campo pertencente à casa do Conde de S. Martinho, foi encontrada, numas excavações, uma sepultura de teijolo, romana».

(*O Século*, de 16 de Março de 1910).

24. A «Cava de Viriato»

«A Repartição de Instrução Artística pediu providências à comissão executiva da câmara municipal de Viseu, quanto à conservação da *Cava de Viriato*, classificada monumento nacional daquela cidade, por quanto é urgente fazer a demarcação de terrenos da *Cava*, a fim de evitar a indevida apropriação dos terrenos pelos proprietários dos campos circunjacentes».

(Do *Diário de Notícias*, de 23 de Janeiro de 1916).

25. A porta do «Boeirinho»

«A *Fôlha de Trancoso*, de 24 do corrente, que comenta desfavoravelmente a deliberação do senado municipal daquele concelho, pois entende que a antiquíssima porta do «Boeirinho» não pode nem deve ser demolida, como pelo senado foi proposto ao Ministério da Guerra, entrevistou o Sr. Antero de Figueiredo, ali de passagem, e que muito sensatamente também se pronunciou adverso à pretendida demolição.

Dessa entrevista reproduzimos os seguintes períodos:

«—Portanto, V. Ex.^a é de opinião que nunca se deviam ter demolido as portas e as torres que faziam parte das nossas muralhas?

—Evidentemente. Estes monumentos são documentos preciosos e gloriosos que ninguém tem direito de destruir. São um comum património sagrado, que os novos devem receber e honrar. Não pertencem às edildades, mas à Pátria. Pequena amostra dão da sua cultura os povos que desrespeitam a antiguidade, e que não sabem amar as suas nobres tradições.

—De modo que a abertura projectada é um novo atentado, não é verdade?

—Sobre o ponto de vista arqueológico, e ainda estético, não há dúvida que é um crime de lesa-história e de lesa-arte. Demais, essa pequenina porta, é um documento único no conjunto das defesas desta antiquíssima vila.

—Único?

—Sim. De portas, cubelos, cortinas de muralha, ainda há aí, felizmente, vários espécimes, em volta da secular vigia albarrã; mas escusas portas de recurso, só existe o «Boeirinho».

—Então condena a resolução do senado?

—É claro. Nenhum arqueólogo, nem nenhum artista, pode deixar de a condenar hoje que, por toda a parte, recresce o apêgo à tradição. Sobre isto não pode haver duas opiniões. Mas, repito, como eu ignoro as razões económicas locais, que possam influir nas resoluções do senado, permita-me que suspenda a minha opinião sobre este assunto, até melhor esclarecimento, tanto mais que me sinto tam agradecido às gentilezas dos tracoenses que, de maneira nenhuma, quero dizer em público nada que possa melindrar seja quem fôr».

(*Diário de Notícias*, de 23 de Setembro de 1916).

26. Museu de arte e arqueologia em Chaves

Segundo se lê n-*O Flaviense*, de 16 de Julho de 1916, pensa-se em se formar em Chaves um museu de arte e arqueologia. Há já para isso uma comissão organizadora local, e trata do assunto em Lisboa o Sr. Dr. João Barreira, Flaviense, Professor da Academia das Belas Artes, e escritor ilustre.

Pela minha parte, aplaudo com satisfação esta idea, tanto mais que talvez, embora indirectamente, eu contribuisse um pouco para ela com a minha estada em Chaves em 1915.

27. Antiguidades de Tróia de Setúbal

No *Catalogo dos objectos particulares collocados na Exposição philantropica, 1851*, Lisboa, Imprensa Nacional, s. d. (mas deve ser do mesmo ano), lê-se, em o n.º 397, a seguinte lista de *Objectos encontrados nas ruínas de Cetobriga* (i. é, de Tróia de Setúbal) e pertencentes à respectiva Sociedade Arqueológica:

«Panella de barro.

Amphora dito de feitiço conico.

Tigela dito.

Tigela dito com restos de comida, parecendo ser sopa.

Fundo de amphora com residuo bituminoso.

Dito de panella com residuos de carne e ossos.

Vaso lacrimatorio de barro.

Telha chata.

Fragmento de parede pintada a estuque.

Dito de uma substancia mineral clara e transparente.

Dito de verde.

Dito dito.

Dito de obra signina».

(*Obra cit.*, p. 33).

Alguns destes objectos estão hoje no Museu Etnológico Português, para onde, a meu pedido, vieram da Academia de Belas Artes.

28. Trigo romano

No mesmo catálogo, n.º 593, p. 49, lê-se:

«Trigo achado numas ruínas encontradas sob o solo do Rocio, por ocasião de se calçar o centro d'elle. Deve por conseguinte ser anterior ao terremoto de 1755, isto é, ter quasi um século. Pertence ao Sr. A. M. Gomes».

Este trigo deve ser da mesma origem daquelle que se falou no *Arch. Port.*, v, p. 283, encontrado no Largo de S. Domingos, junto do Rocio, em 1898, com lápides romanas.

29. Antas dos arredores de Elvas

Na herdade da *Torre das Arcas*, freguesia de S. Lourenço das Vinhas, concelho de Elvas, há uma anta que em 17 de Junho de 1904 vi de passagem, em companhia do meu prezado amigo o etnógrafo António Pires: consta de câmara, com a tampa caída para dentro; muitos esteios conservados, e outros por terra; resta grande parte da mamoá, mas falta a galeria.

Pela herdade apparecem muitos fragmentos de tégulas romanas e de vasilhas grossas.

Consta-me que Possidónio da Silva explorou a anta; creio porém que a exploração não passaria da entrada, porque a câmara está muito obstruída por causa da queda da tampa e da dos esteios.

Na mesma herdade houve outra anta, que foi destruída há muito tempo.

O nome de *Arcas* significa certamente «dólmenes»: vid. *Religiões*, I, 254. No Sul conheço vários locais chamados *Torres*, onde apparecem antiguidades de várias épocas.

30. Novos Museus

«O museu de arte que vai estabelecer-se em Mafra inaugura-se por ocasião do próximo congresso de turismo, em Maio.

Também até ao congresso se organizará o museu de moedas na Casa da Moeda».

(*Diário de Notícias*, de 14 de Março de 1911).

31. Academia de Belas Artes de Lisboa

O seu museu vai ser enriquecido com os quadros de Guerra Junqueiro

«O ilustre poeta e nosso representante na Suíça, Sr. Guerra Junqueiro, acaba de ceder à Academia de Belas Artes de Lisboa toda a sua soberba colecção de quadros, com excepção de tres Greco e um tríptico que se attribui a Parbus.

Essa colecção comprehende 17 obras primas, entre as quais avultam um primitivo italiano da escola Giotto, um tríptico da escola portuguesa do século XVI e vários outros da escola flamenga e holandesa do século XVII».

(*Diário de Notícias*, de 20 de Março de 1911).

32. Aníbal Fernandes Tomás

«Acaba de extinguir-se uma singular individualidade. Aníbal Fernandes Tomás, um dos mais ilustres bibliófilos portugueses, talvez o maior «devoto dos livros», que havia hoje em Portugal, morreu ontem. De cultura excepcional, e paciência monástica, deviam ficar-lhe bem a estaménha, a corda e o ripaço de frade bento. Era um destes espiritos que, como os velhos monumentos, criam a *patine* dourada dos séculos. Tinha o delírio do passado; embebia-se na volúpia do anacronismo. Na grande cadeira de coiro da livraria, sentava-se com êle a felicidade. Deixou tudo, abdicou de tudo,—para entregar-se à paz suprema da sua leitura, à delícia beneditina dos seus manuscritos, à poeira conventual da sua biblioteca. Amarável convívio dos livros, mais humano e mais puro que o dos homens! Feliz aquele que, como Fernandes Tomás, leva apenas consigo, na hora extrema, a máguia de não ter folheado mais um códice ou de não ter investigado mais uma genealogia...».

(*A Luta*, de 18 de Março de 1911).

J. L. DE V.

II

1. Ossadas humanas que apareceram nas obras do pósto da Mouraria

«No antigo convento da Guia está, como se sabe, instalado o pósto policial da Mouraria, criado já no regime republicano, e que tam bons serviços tem prestado à população de aquele bairro.

Há tempo começaram ali as obras para instalação definitiva do pósto, obras que estão quási concluidas, tendo o cabo Guerra, comandante do mesmo pósto, inaugurado ontem o seu novo gabinete, esperando-se que até ao fim do ano os cabos se instalem no compartimento que lhes é destinado.

O actual dormitório dos guardas fica para calabouço, estando ainda em construção o novo dormitório.

Nas excavações a que o pessoal das obras públicas tem procedido neste local, tem encontrado centenas de ossadas humanas, algumas bastante carcomidas, parecendo que os enterramentos ali datam de muitos séculos. Ignora-se o motivo por que ali se enterravam tantos indivíduos, dizendo uns que, passando por ali a antiga muralha da cidade, que ligava ao actual Arco do Marquês de Alegrete, nas lutas com as hostes serracenas, morreram ali muitos combatentes que em seguida enterravam no próprio local da batalha. Outros atribuem as inumações aos religiosos internados no antigo convento da Guia.

As ossadas tem sido transportadas em barricas para o Alto de S. João».

(*O Século*, de 28 de Dezembro de 1914).

2. «The Society for nautical research» e a Liga Naval Portuguesa

«Esta importante colectividade inglesa, de que é presidente H. R. H. o vice-almirante Príncipe Luís de Battemberg, oficiou à Liga Naval Portuguesa, pedindo-lhe que torne conhecidos do nosso país os objectivos que presidiram à sua fundação.

A sociedade tem por fim animar as investigações históricas relativas à construção e armamento dos navios, e a tudo o mais que diga respeito ao uso do mar em todas as épocas e lugares.

Tem por órgão «The Mariner's Mirror», título de um guia marítimo que appareceu na Holanda em 1584, e foi logo em seguida traduzido para inglês. Este jornal publica-se desde Janeiro de 1911, com o apoio e um subsídio do Almirantado.

A sociedade propõe-se ainda publicar uma Enciclopédia Náutica, completa».

(*O Século*).

8. Um prédio reedificado—Vai ser o início da remodelação da velha praça

«Dos architectos que tem passado pela vereação de Lisboa nem um só, que nos lembre, deixou ainda de propor uma remodelação para o Rossio, quer alterando o pavimento central, de forma que permitisse o trânsito em rasgadas e amplas artérias, quer ampliando passeios laterais, que permitam a construção de largos «terrasses», modificando-se até a velha arborização frondosa e pitoresca.

Todos esses projectos de transformação architectónica da mais frequentada praça de Lisboa, do seu verdadeiro coração, ainda não lograram entrar no domínio da realidade. O Rossio continua, no seu aspecto geral, a ser um largo inestético, visto que todas as suas primitivas belezas estão hoje sobrepujadas pela sujidade, velhice e outros males que estragam as cousas mais belas, quando não são convenientemente tratadas. O próprio arvoredor, attingindo proporções gigantescas, desfeia o outrora majestoso quadrilátero. Nenhuma das suas faces nos oferece um aspecto architectónico digno duma cidade, ainda mesmo quando se olha a magnífica fachada do teatro Nacional, escondida por detrás da imensa floresta de ramos e de verdura. Nas restantes nem é bom falar. As frentes da casaria são carrancudas, babadas, escorrendo «linchus» dos beirais e patenteando nas mansardas o estendal da rua semi-suja.

E o que não pode transformar a iniciativa official, vai fazê-lo agora, sem dúvida, a iniciativa particular. O Rossio, que, pela transformação dos estabelecimentos parecia um mendigo que ia trocando os estropiados chinelos por botas de verniz, alarga a sua «toilette». Um prédio inteiro se modifica, apresentando-se aos olhares curiosos dos transeuntes, com um ar de civilização que nos encanta. Esse prédio, que vai ser o início da futura transformação do Rossio em praça digna duma capital, pertence à lendária associação de S. Bartolomeu, grémio da colónia alemã, que dizem datar das cruzadas e ter, portanto, assistido, à conquista da cidade. Essa associação é dirigida por um «comité» à frente do qual se encontra o Sr. Hans Wimmer. Havia muito que os administradores dessa corporação, que mantêm o culto católico numa capela da igreja de S. Julião e o culto protestante na capela das Necessidades, projectavam transformar a sua propriedade e, se há mais tempo o não fizeram foi porque a isso se opunham contratos a longo prazo. Assim, porém, logo que puderam meteram mãos à obra e a notícia da transformação circulou, receberam logo uma proposta para aluguer do prédio inteiro. Essa proposta foi apresentada pelo Sr. Wiessman, antigo gerente do Hotel Central, que ali se

propunha instalar um hotel para abrigo dos caixeiros viajantes que acodem a Portugal. A proposta foi aceita e, por último, escolhido o projecto do architecto alemão de Dresden, Sr. Schillingue Graebner, que, tendo sido chamado, aqui o elaborou, em conformidade com a linha sóbria e majestosa da praça pombalina.

O tapume dessa obra começou a ser arreado, causando a fachada do prédio reedificado a mais agradável impressão».

(*Diário de Notícias*, de 7 de Junho de 1914).

4. No Mercado da Praça da Figueira

«O mercado da Praça da Figueira, devido aos esforços empregados pela respectiva direcção, os Srs. D. Pedro de Melo Magalhães (Santár), Conde de Azarujinha, e Dr. Francisco da Silveira Viana, acaba de receber um melhoramento importante.

Do lado da rua do Amparo e a curta distância da entrada principal, há cerca de dois anos que vinham fazendo-se umas grandes escavações, a fim de se arranjar um novo retrete.

Esses trabalhos foram morosos porque apparecia sempre muita água, que era permanentemente esgotada por duas bombas a vapor.

O trabalho foi dirigido pelo architecto Sr. Norte Júnior, que muito bem soube traduzir a idea do Sr. D. Pedro Magalhães (Santár).

Como se sabe, onde presentemente existe o primeiro mercado de Lisboa, ou seja o da Figueira, houve um hospital que foi destruído pelo terramoto de 1755.

Pois nas escavações foram agora encontrados ferros de cama, tijelas de cobre enfiadas umas nas outras, etc.,

Foram feitos dois túneis, um que vai ao centro do Mercado, onde existe um poço, e outro até a canalização para o cano geral, numa extensão completa de 70 metros».

(*Diário de Notícias*, de 3 de Janeiro de 1915).

PEDRO A. DE AZEVEDO

III

Instrumentos prehistóricos da África Portuguesa

(Aditamento ao artigo d-O Arch. Port., XVIII, 174)

O Sr. Chester W. Washburne, do Geological Survey, U. S. A., offereceu ao Museu do Serviço Geológico de Portugal um raspador de sílex achado à superfície do terreno que se eleva ao sul da embocadura do rio Dande. Dezembro de 1914.

P. CHOFFAT,